

Brasília — Fotos de Luiz Antônio Ribeiro



Pedro Henrique lida com tudo: das montanhas de papel à requisição do cafezinho

A nova etapa da Constituinte

Funcionários se preparam para maratona

Débora Berlinck

BRASÍLIA — Enquanto os parlamentares descansam da tumultuada votação dos relatórios das comissões, a administração do Congresso começa um verdadeiro esforço para pôr em dia um compromisso inadiável: a conta da Constituinte. O diretor-geral da Câmara, Ademar Sabino, garante que as contas estão bem menores do que imaginava. Entretanto, não pára de receber faturas. Somente em abril e maio, a Câmara teve que desembolsar Cz\$ 6,5 milhões em horas extras e gratificações para 752 funcionários que viraram noites registrando os debates e assessorando os constituintes.

Esta semana, com o fim do trabalho das comissões temáticas, a maioria retomou o expediente normal, mas o descanso é temporário, avisa Sabino. Hoje, o diretor encerra um levantamento sobre os recursos e a equipe que a Constituinte precisará para a etapa mais trabalhosa dos debates, que é a da Comissão de Sistematização e das votações no plenário. De todos os setores, ninguém mais desesperado do que os funcionários do Prodasen (Serviço de Processamento de Dados do Senado). Encarregados de registrar no computador tudo o que é escrito e proposto na Constituinte, os 374 funcionários, com a ajuda de 100 estagiários da Universidade de Brasília, bateram o recorde de 9.000 horas extras no mês passado. Houve gente que trabalhou 60 horas seguidas, e o estoque de café, programado para quatro meses, durou apenas um mês.

— Estou cansado de chegar em casa e a minha mulher botar as mãos nas cadeiras e dizer: "Se vira porque eu não vou fazer comida." Estou até esperando um oficial de justiça para me comunicar o divórcio. E já avisei ao diretor que neste caso quero assistência jurídica gratuita — brincou Pedro Henrique Guimarães, um dos coordenadores do Prodasen, onde trabalha há oito anos.

Lanche da madrugada

— De coordenador, Pedro só tem mesmo o título. Hoje, com o acúmulo de trabalho, ele faz de tudo: requisita mais café e lanche dos restaurantes, reclama da falta de material, cuida da infra-estrutura e, quando há problema com o computador, digita propostas.

De quebra, os funcionários do Prodasen têm que assumir, às vezes, o papel da segurança. Numa das últimas madrugadas de plantão, uma equipe teve que sair às escondidas do Prodasen para levar aos relatores os anteprojetos que seriam votados logo em seguida. Do lado de fora, dezenas de lobistas, inclusive os do governo, brigavam para obter os documentos em primeira mão. Assim, teriam algum tempo para mudar o voto de alguns constituintes antes das votações.

Nos dois últimos meses, o trabalho foi tanto que o Prodasen alugou um carro especialmente para transportar alimento para os funcionários (um jantar e o lanche da madrugada, servido às 5h). Na semana passada, numa das madrugadas, foram servidas 190 refeições. Os funcionários justificam as horas extras com o argumento de que em maio eles imprimiram 46 milhões de linhas contra 15 milhões em abril.

— Apesar do lanchinho, emagreci cinco quilos. Nunca trabalhei tanto. Ainda aumentei minha despesa, pois

fumava um cigarro por dia e agora fumo um maço e meio — queixava-se Cristóvão Araújo Costa, coordenador de atendimento aos usuários, há 15 anos trabalhando no Prodasen. Cristóvão, casado, dois filhos, pouco tem dormido ultimamente, aproveitando os minutos de folga para apenas um cochilo numa incômoda cadeira.

O Prodasen calcula que 20 a 30 mil emendas deverão ser apresentadas no plenário durante as votações.

Novo Computador

— Na Câmara, além do pagamento das gratificações em maio houve taquígrafa que ganhou Cz\$ 28 mil somente em horas extras, somadas a um salário de Cz\$ 30 a 40 mil. A administração apressa as obras para garantir, antes das votações, a instalação do novo computador. É que sem ele, calculam os técnicos, os constituintes levariam mais de três meses para votar centenas de emendas e destaques. O pessoal do computador tem prazo até 10 de julho para fazer o primeiro teste da votação eletrônica. O equipamento, orçado inicialmente em Cz\$ 50 milhões, deve chegar a Cz\$ 200 milhões.

Em material, publicações, e reformas, a Câmara gastou, até abril, Cz\$ 25 milhões, fora a reforma do prédio, que vai custar mais de Cz\$ 200 milhões e há um ano e meio não consegue ser acabada.

Mas a dor de cabeça do diretor-geral é o recado que já recebeu da gráfica do Senado, avisando que a Câmara terá que pagar dois anos de dívida em publicações e gastos de material.

— É simples. Não pago, e não pago mesmo. O Senado tem um orçamento maior e menos senadores. Não posso arcar com mais esse. E se eu não pagar, o que é que eles podem fazer? — ironizou Sabino.



Maria Inês, Sérgio Otero, Cristovam e Marcus Vinicius na sala da computação